

DISTINÇÃO E DIVULGAÇÃO: A CIVILIDADE E SEUS LIVROS**DISTINCTION AND DISSEMINATION: CIVILITY AND HIS BOOKS**João Vinicius Bobek¹

CHARTIER, Roger. **Leituras e Leitores na França do Antigo Regime**. 1ª Edição: UNESP, 2004. Páginas 45 a 89.

Palavras-chaves: discursos historiográficos; leitura; Antigo Regime Francês.

Keywords: historiographical discourses, reading, French Ancien Regime.

Roger Chartier historiador francês vinculado à atual historiografia da Escola de Annales, onde trabalha sobre a história do livro, da edição e da leitura, e que nesta obra apresenta oito ensaios que constituem uma história cultural em busca de textos, crenças e gestos aptos a caracterizar a cultura popular tal como ela existia na sociedade francesa entre a Idade Média e a Revolução Francesa. O intelectual francês mostra que a cultura escrita influencia mesmo àqueles que não produzem ou lêem textos, mas interagem com eles. Ao visitar a chamada Biblioteca Azul, coleção de livros acessíveis vendidos por ambulantes (romances de cavalaria, contos de fada, livros de devoção), além de documentos próprios da chamada "*religião popular*" e textos sobre temas que se dirigem a um público geral, como a cultura folclórica, o autor enfoca as tênues fronteiras entre a chamada cultura erudita e a popular, mostrando como se ligam duas histórias: da leitura e dos objetos de leitura.

Assim sendo Chartier reforça o plural do plural de "*civilidades*", que remete aos usos e intercâmbios de um código de polidez reconhecido por uma sociedade distinta, fazendo menção a Erasmo que rejeita os modelos aristocráticos da época pregando que a civilidade deveria ser uma instrução de um grupo moralizador, determinado, e deveria começar pelas crianças fazendo do aprendizado escolar a primeira instrução. O autor também indica, sempre citando autores como Courtin, que a civilidade pode ser uma virtude cristã, a caridade, pois deve ser uma questão de cada um, diferenciando o Homem do Animal, distinguido na sua execução em tantos comportamentos convenientes a cada estado ou situação. Em decorrência desses conceitos, a partir do século XVII, a noção de civilidade ganha um sentido ambíguo, pois sua função é designar a conduta histórica dos príncipes de tragédia, pois segundo Toussaint, a civilidade torna-se "*um ceremonial de conven-*

¹ Professor Especialista formado em Licenciatura em História pela UEPG e Egresso do Projeto: Educação, Cultura e Diversidade Cultural: uma inclusão necessária. Sub-programa do Projeto Universidade sem Fronteiras.

ção”, dando origem a uma polidez devida aos príncipes, sendo muitas vezes uma aparência ou uma máscara que disfarça e engana. Assim nesse contexto, o conceito de civilidade está situado no próprio centro da tensão entre o parecer e o ser que define a sensibilidade e a etiqueta barroca.

Sendo Roger Chartier discípulo da Escola de Annales ²percebe-se na compreensão do seu texto um intercâmbio entre a História Cultural ³e a Antropologia, pois ele menciona Jean-Baptiste de La Salle para citar que este pensador abrange a civilidade tida honesta e piedosa como conveniência social. Portanto nessa teoria, a civilidade se afasta do uso aristocrático para constituir-se num controle permanente e geral de todas as condutas, sendo um modelo eficaz de comportamento das elites nas camadas inferiores.

A partir do século XVIII, a noção de civilidade conhece um duplo e contraditório destino, segundo Chartier. Ela permite aos humildes compreender o código de comportamentos, sendo que ensinada ao povo, a polidez se vê ao mesmo tempo desvalorizada aos olhos da elite que em contrapartida não exige nenhuma autenticidade de sentimento, sanciona a ruptura admitida e contraditória. Para Jacourt a civilidade foi imposta a inúmeros indivíduos e por isso perdeu seu valor de distinção, considerando que foi colocada a maioria e se tornou uma norma para as condutas populares.

Para fundar uma civilidade republicana, o articulista, juntamente com outros pensadores sugerem uma ruptura radical com a educação tradicional, já que a repetição dos gestos considerados convenientes é idealmente substituída pela aprendizagem de virtudes que conseguirão sempre expressar-se numa linguagem moral resultando numa instrução moral. Para o autor as novas obrigações dessa civilidade republicana não devem se regulamentar-se pelas diferenças de condição ou posição, pois se apóia na liberdade, conforme a igualdade. A civilidade refundida deve reconciliar enfim as qualidades da alma e as aparências exteriores, sendo nítida a recusa das formalidades antigas, pois essa abdicação à etiqueta tradicional encontra-se manifesta na esfera política.

Finalizando esse capítulo de sua obra, que deixa evidente os conceitos de polidez e civilidade, Chartier, deixa claro que a partir do século XIX, a civilidade pode ser definida como um conjunto de regras que tornam agradáveis e fáceis às relações dos homens entre si, podendo ser entendida como um código de boas maneiras necessárias na sociedade, sendo constituída e fixada por todo esse século, a identificação da civilidade com a conveniência burguesa.

² Incorpora métodos das Ciências Sociais à História. Encontramos neste movimento, certa unidade em sua composição, mas não uma homogeneidade. Sendo como um conjunto de estratégias, uma nova sensibilidade, uma atividade que de fato mostra-se pouco preocupada com definições teóricas.

³ Frequentemente combina as abordagens da antropologia e da história para olhar para as tradições da cultura popular e interpretações culturais da experiência histórica. Ela se sobrepõe, em sua abordagem, ao movimento francês da história das mentalidades e à chamada Nova História.

Portanto pode-se comprovar que entre os séculos XVI e XIX, a noção de civilidade sofre mudanças e apanha um enfraquecimento. Deste modo apesar das tentativas de reformulá-la, a noção perde um pouco da teoria ético-cristã para significar apenas a aprendizagem das maneiras convenientes na vida das relações da sociedade, questionando assim, a diferença entre cultura popular e erudita, para obter-se a definição de tradição popular simplesmente como oposição à cultura erudita. Roger discute como diversos textos franceses desses séculos, que atravessam as fronteiras sociais entre clero, nobreza e Terceiro Estado. O historiador francês mostra assim a influência exercida pelo documento escrito mesmo entre os que não estão familiarizados com o livro e reconstitui em sua complexidade a comunicação cultural entre os homens do Antigo Regime.

Destarte para Roger Chartier, interpretam-se os artefatos, objetos históricos de análise, num campo onde se cruzam duas linhas: uma vertical, ou diacrônica, pela qual o historiador estabelece a relação de um texto ou de um sistema de pensamento com manifestações anteriores no mesmo ramo de atividade cultural; a outra é horizontal ou sincrônica, e através dela determina a relação do objeto cultural com o que vai surgindo noutros aspectos de uma cultura.

Pode-se afirmar que o historiador tem uma posição bastante clara e comunga com a nova maneira de fazer história iniciada pela escola dos Annales: *"Desembaraçando-se das etiquetas que pretendendo identificar os pensamentos antigos, os marcaram na realidade, a tarefa dos historiadores do movimento intelectual"*, como escreve ⁴Lucien Febvre, é acima de tudo reencontrar a originalidade irreduzível a qualquer definição à priori, de cada sistema de pensamento, na sua complexidade e nas suas mudanças.

A dicotomia esquemática proposta pelos historiadores românticos não tem lugar dentro deste novo conceito de fazer história. Assim como qualquer outro exemplo de oposição rígida torna-se ridículo em face desta nova concepção dos historiadores dos Annales; concepção reafirmada pela atual definição de História Cultural que coloca a posição do historiador perante os artefatos históricos. Tal modo, através desta obra de Chartier, é possível trabalhar com os discursos historiográficos, realizando uma análise da passagem da leitura extensiva à intensiva, para assim poder abordar com destaque os aspectos da leitura como formação da identidade cultural intelectual francesa, para futuramente adquirir noções de abordagens de tópicos sociais do Antigo Regime.

Resenha recebida em: 09/04/2010

Aceita para publicação em: 23/05/2010

⁴ Lucien Febvre historiador francês, cofundador da chamada *"Escola dos Annales"* e idealizou juntamente com Marc Bloch, a revista de História em 1929, chamada *"Revue des Annales"*.